

NOTAS SOBRE O CURSO MULHERES INDÍGENAS EXPEDICIONÁRIAS: ATUAÇÃO EM AÇÕES DE PROTEÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS ISOLADOS E DE RECENTE CONTATO DO SUL DO AMAZONAS

NOTES ABOUT THE COURSE EXPEDITIONARY INDIGENOUS WOMEN: ACTIVITY IN ACTIONS TO PROTECT ISOLATED INDIGENOUS PEOPLES AND RECENT CONTACT IN THE SOUTHERN AMAZON

Francine Pereira Rebelo¹

Daniel Cangussu²

Francisco Henrique Inácio de Souza³

Resumo: Este trabalho tem como objetivo descrever e refletir sobre o curso intitulado “Mulheres indígenas expedicionárias: atuação em ações de proteção dos povos indígenas isolados e de recente contato do sul do Amazonas”, organizado no mês de outubro de 2021. O Curso ofertou uma preparação para mulheres indígenas comporem equipes de expedição junto aos povos indígenas isolados e de recente contato, visando inovar na inclusão de mulheres nas atividades de expedição, mobilizando através da participação feminina novas perspectivas na análise de vestígios e monitoramento dos povos isolados. Percebeu-se a partir das vivências no curso que o trabalho de expedicionário é ainda marcadamente masculino, exigindo esforços conjuntos para o aumento da participação de mulheres no setor.

Palavras-chave: Mulheres indígenas. Povos indígenas isolados. Amazonas.

Abstract: *This work aims to describe and reflect on the course entitled “Expeditionary indigenous women: actions to protect isolated and recent contact indigenous peoples from the south of the Amazon” organized in October, 2021. The Course offered preparation for women natives comprise expedition teams to isolated and recent contact indigenous peoples, including women in expedition activities, mobilizing and showing new perspectives in the analysis of traces and monitoring of isolated peoples. It was noticed from the experiences in the course that the expeditionary work is still markedly masculine, requiring efforts to increase the participation of women in the sector.*

Keywords: *Indigenous women; isolated people; Amazonas.*

1 Mestre em Antropologia Social. Docente. Instituto Federal do Amazonas, *Campus Parintins* – IFAM/CPIN. francine.rebelo@ifam.edu.br

2 Mestre em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Indigenista. cangussu.isolados@gmail.com

3 Discente do curso técnico de Administração. Instituto Federal do Amazonas, *Campus Lábrea* – IFAM/CLAB e bolsista do projeto. francisohenriqueinaciosouza@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho, em formato de relato de experiência, tem como objetivo descrever e refletir sobre o curso intitulado “Mulheres indígenas expedicionárias: atuação em ações de proteção dos povos indígenas isolados e de recente contato do sul do Amazonas” realizado no mês de outubro de 2021 na cidade de Lábrea/AM. O Curso ofertou uma preparação para mulheres indígenas comporem equipes de expedição junto aos povos indígenas isolados e de recente contato, visando inovar na inclusão de mulheres nas atividades de expedição, mobilizando através da participação feminina novas perspectivas no monitoramento dos povos isolados. Percebeu-se a partir das vivências no curso que o trabalho de expedicionário é ainda marcadamente masculino, exigindo esforços conjuntos para o aumento da participação das mulheres no setor.

O Curso foi efetivado a partir da aprovação no “Edital nº 05 de 27 de agosto de 2021 – PROEX/IFAM, chamada interna para apresentação de propostas para projetos de empoderamento de mulheres por meio de cursos FIC (Cursos de Formação Inicial e Continuada)”. O Edital tinha entre seus objetivos selecionar Projetos de Extensão que fomentassem cursos de qualificação nos *campi* do IFAM atendendo mulheres em vulnerabilidade social e integrantes de comunidades indígenas, quilombolas, internas do sistema socioeducativo, ribeirinhas, assentadas do Programa Nacional de Reforma Agrária, em situação de dependência química, violência doméstica, psicológica ou emocional, em estado de vulnerabilidade social ou incluídas na temática de diversidade de gênero (IFAM, 2021)⁴. Desta forma, vale reconhecer o

4 O edital completo está disponível em: http://www2.ifam.edu.br/pro-reitorias/extensao/arquivos/edital_qualificacao-de-mulheres-alterado-dia-03-09-2021-1.pdf

empenho do Instituto Federal do Amazonas em atender às comunidades e à população das cidades do interior do Amazonas.

A IDEALIZAÇÃO DO CURSO

O curso foi idealizado pela coordenadora, Francine Pereira Rebelo, e por Daniel Cangussu, servidor da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), indigenista atuante na Frente de Proteção Etnoambiental Madeira-Purus, entidade que responde pela política de povos indígenas isolados e de recente contato no sul do Amazonas. A construção do curso se deu a partir da problematização e reflexão das ações de campo realizadas pela FUNAI.

As ações de campo e expedições operacionalizadas pelo órgão indigenista estatal brasileiro em meio à floresta amazônica ainda são, em pleno 2021, desempenhadas quase exclusivamente por homens. Logo, com frequência os homens são considerados protagonistas no cenário desta política indigenista de Estado (CANGUSSU, 2021).

A falta de participação de mulheres, indígenas e mateiras nas ações de campo desempenhadas pelas Frentes de Proteção Etnoambiental geram ‘vícios metodológicos’ em uma das mais complexas ações de campo operacionalizadas pelo governo brasileiro. Vale localizar o/a leitor/a que a metodologia de monitoramento dos povos indígenas isolados e de recente contato acontece prioritariamente através dos vestígios deixados na Floresta. Assim, as equipes das Frentes de Proteção Etnoambientais (CGIIRC/FUNAI) localizam e monitoram estes grupos indígenas de forma indireta. Esta metodologia foi criada no âmbito da floresta Amazônica, de modo que os vestígios localizados, analisados e sistematizados encontram-se dispersos em um contexto ecológico bastante específico. Geralmente, tais vestígios

derivam do manejo e uso das espécies vegetais, e podem expressar-se nos troncos das árvores, na ocorrência e concentração de plantas no interior da floresta, nos acampamentos temporários ou, ainda, em artefatos encontrados ocasionalmente em seus caminhos (CANGUSSU, 2021).

A habilidade de observar e interpretar vestígios nas matas está diretamente ligado à história de vida e experiência de cada uma das pessoas. Indigenistas com grande vivência e imersão em atividades em meio à floresta Amazônica, e que desenvolveram a partir destas aguçadas capacidades de interpretação de vestígios, não terão provavelmente a mesma desenvoltura para fazer o mesmo em contexto diverso, por exemplo em regiões de Caatinga ou matas de Cerrado, pois suas referências serão outras. O tempo de crescimento e apodrecimento das plantas e mesmo a relação existente entre as comunidades locais e seu ambiente mudarão significativamente. Reconhecer vestígios, de certo modo, pode ser compreendido como a capacidade de associar evidências materializadas no ambiente às práticas anteriormente vivenciadas.

O método mateiro, mesmo após descrito e sistematizado, depende para sua efetivação da experiência pretérita humana. O caráter subjetivo, neste ambiente, diferentemente do que se propõe em outros campos da ciência, é algo reconhecido e valorizado. Essa é uma das razões pelos quais é importante que coordenadores/as de expedições organizem suas equipes de modo plural, com diferentes pontos de vista e modos de conhecimento sobre a floresta. Equipes pouco versáteis tendem a passar despercebidas pelos vestígios, sem reconhecê-los com acuidade. Isso pode ser considerado um 'vício metodológico' que precisa ser superado.

Historicamente, as expedições são formadas quase que exclusivamente por homens (salvo raríssimas exceções) com

perfis técnicos distintos, mas não raro com experiências sociais extremamente semelhantes, o que limita naturalmente o olhar e a interpretação dos vestígios por parte das equipes de campo. Mulheres possuem experiências de vida e motivações bastante diferentes das dos homens. Estratégias têm sido elaboradas unicamente a partir de uma perspectiva masculina dos fatos, de um recorte restrito de nossa capacidade total de observação e análise dos dados de campo, o que reflete naturalmente em uma política também míope e enviesada. Mas não é apenas na negligência dos vestígios decorrentes das experiências femininas que se pode apontar falhas no método mateiro. A própria cultura machista auto afirmava reproduzida pelos ambientes dos expedicionários pode ser considerado uma distorção do método decorrente da ausência das mulheres neste contexto de trabalho, já que esta é uma variável que desvirtua o método e distrai o processo investigativo.

A inclusão de mulheres expedicionárias e mateiras mostra-se então importante pois possibilita um real aprimoramento das metodologias de campo, apresentando um "olhar diferenciado", com potencial transformativo real. Em outras palavras, a participação feminina nas expedições traz novas perspectivas, expandindo assim as possibilidades de interpretação dos vestígios por parte das equipes de campo.

Além disso, a inclusão das mulheres neste campo de trabalho, enquanto mateiras e expedicionárias, permite o acesso das mulheres indígenas em uma atividade remunerada ofertada em Lábrea, cidade do sul do Amazonas com opções reduzidas de inserção no mercado de trabalho.

O Curso teve então por objetivo a qualificação e incentivo de mulheres indígenas para atuação em expedições de proteção aos povos indígenas isolados e de recente contato; oferecendo conhecimentos

básicos necessários para atuação nas expedições; promovendo conhecimento técnico a respeito da análise de vestígios e monitoramento dos povos indígenas isolados; e, por fim, refletindo sobre as possibilidades de ação e obtenção de renda nesta área de atuação profissional.

A ESTRUTURA DO CURSO

O Curso de extensão “Mulheres indígenas expedicionárias: atuação em ações de proteção dos povos indígenas isolados e de recente contato do sul do Amazonas” teve carga horária de 40 horas e foi realizado de forma presencial no mês de outubro de 2021. Participaram do curso 15 mulheres indígenas, das etnias Juma, Jarawara, Paumari e Apurinã.

O Curso foi dividido em quatro módulos, sendo eles:

1. Gênero e expedições: empoderamento feminino e inclusão de mulheres em mercados de trabalho predominantemente masculinos;

2. Histórico dos povos indígenas isolados da região sul do Amazonas: política indigenista e narrativas sobre as expedições de proteção aos povos indígenas isolados e de recente contato;

3. Monitoramento de vestígios e etnobotânica - Mini expedição: aula prática sobre monitoramento de vestígios em áreas de mata;

4. Possibilidades profissionais e geração de renda na área do indigenismo. Explicamos, a seguir, cada um dos módulos.

No Módulo I – “Gênero e expedições: empoderamento feminino e inclusão de mulheres em mercados de trabalho predominantemente masculinos” foram abordados os temas de gênero, feminismo indígena, mercado de trabalho, empoderamento feminino e organizações indígenas, refletindo sobre como é ser

mulher indígena, seus desafios, dilemas e possibilidades.

O conteúdo abordado no Módulo II- “Histórico dos povos indígenas isolados da região sul do Amazonas: política indigenista e narrativas sobre as expedições de proteção aos povos indígenas isolados e de recente contato” foi a política indigenista brasileira, histórico dos povos indígenas isolados e de recente contato e povos indígenas da Amazônia. O objetivo foi oferecer um panorama a respeito do histórico dos povos indígenas isolados do Amazonas, bem como da política indigenista vigente. Além disso, compartilhou-se com as alunas experiências na atuação em expedições com povos indígenas isolados, trazendo relatos a respeito de aspectos logísticos e organizacionais das expedições (tempo, duração, acampamentos, alimentação, logística, etc).

No Módulo III – “Monitoramento de vestígios e etnobotânica e Mini expedição: aula prática sobre monitoramento de vestígios em áreas de mata”; foram discutidos os temas de Etnobotânica, monitoramento de vestígios e trabalho de proteção aos isolados. O objetivo foi orientar as alunas a respeito do trabalho prático nas expedições, sobretudo no monitoramento de vestígios. Neste módulo foi realizada uma “Mini-expedição”, com uma caminhada em área de mata localizada no próprio Instituto Federal do Amazonas *campus* Lábrea. Neste momento, foi incentivado que as alunas não apenas reconhecessem as diferentes espécies de plantas e seus usos, mas também que atentassem e treinassem seu olhar para os diversos vestígios deixados na área de vegetação.

Por fim, no módulo IV- “Possibilidades profissionais, atuação em ações de proteção aos povos indígenas isolados e de recente contato e empreendedorismo”. Buscou-se refletir sobre questões relacionadas ao trabalho, mercado de trabalho e atuação

profissional das mulheres, especialmente das mulheres indígenas e apresentar as possibilidades de atuação profissional para as alunas, situando-as no contexto do mercado de trabalho indigenista e das expedições em Lábrea/AM.

Em todos os módulos do Curso os professores/as foram Francine Pereira Rebelo e Daniel Cangussu. No último módulo foram também convidados/as a compartilhar experiências profissionais e de expedição alguns indigenistas atuantes na região de Lábrea e do Médio Purus. Assim, pudemos contar a colaboração de Quézia Martins (colaboradora do CIMI), Brenda Capelari (servidora da FUNAI) e Izac Albuquerque (servidor da FUNAI).

Figura 1- Foto de Mandei Juma durante o Curso.



Fonte: Próprio autor, 2021.

REFLETINDO SOBRE O CURSO

A participação das alunas indígenas no curso, com assiduidade nas aulas e nenhuma desistência, foi um indicativo significativo a respeito da importância do tema. Logo no

início do curso, muitas alunas mostraram que desejavam participar de um curso com tal temática, bem como se inserir no campo de atuação de trabalho com os povos indígenas isolados.

O interesse das alunas teve reflexo nas aulas, tornando-as mais dinâmicas e coerentes com o contexto das indígenas. Muitas relataram suas histórias de vida, experiências, práticas cotidianas, atuação profissional, participação política e previram dificuldades relacionadas à atuação nas expedições.

Entre os diversos temas levantados durante o curso, destacamos o imaginário recorrente entre as alunas – e a população em geral – de que o trabalho de expedição seria não apenas um trabalho masculino, mas uma atividade que exige imensa coragem, com riscos imprevisíveis. Soma-se ainda o imaginário de que os povos indígenas isolados seriam “selvagens”, prontos para atacar.

Empenhamos um significativo esforço em desmistificar estes pontos, primeiramente, a rotina do expedicionário é, segundo Cangussu (2021), razoavelmente previsível. Obviamente existem riscos, no entanto, um dos trabalhos de um/a bom/boa expedicionário/a seria evitá-los. Inclusive, como foi dito acima, analisando os vestígios, ou seja, monitorando os grupos de forma indireta. Desta forma, uma expedição exitosa, seria uma expedição onde não existe encontro direto entre a equipe e os povos indígenas isolados.

Além disso, a ideia de que os povos indígenas isolados seriam “selvagens”, “irracionalistas” mostra-se racista e colonialista, pois ignora a ampla leitura que fazem os povos indígenas isolados ao “escolherem” o isolamento (ainda que não de forma voluntária)⁵. Muitas vezes imagina-se que

⁵ Sobre este tema, ler Cangussu (2021) sobre a ideia de refugiado e não isolado.

vivam na floresta apenas homens “guerreiros”, no entanto, a realidade amazônica mostra que muitas mulheres, indígenas e ribeirinhas, transitam com frequência pela floresta. Além disso, os povos indígenas isolados não são compostos apenas por homens jovens, mas também por mulheres, crianças e idosos.

Muitas profissões são historicamente ocupadas por homens e consideradas inexecutáveis por mulheres. Caminhoneiros, pilotos de avião, garimpeiros, pedreiros, programadores, jogadores de futebol, engenheiro, por muito tempo, apenas homens ocupavam cargos políticos. São muitos os argumentos para o afastamento das mulheres de tais profissões: exigência de força, trabalho pesado, ambiente arriscado, falta de inteligência, racionalidade, etc. No entanto, a experiência prática mostra que o imaginário do expedicionário “desbravador” e forte, não necessariamente indica uma boa atuação profissional, pois o trabalho de expedicionário(a) exige competências técnicas, atenção e espírito de grupo.

Como afirma Cangussu (2021: 43), ainda hoje, é comum que homens acreditem que o perfil do “indigenista expedicionário” é representado necessariamente por pessoas que se assemelham aos estereótipos dos sertanistas que desbravaram nossas florestas nos primeiros séculos do Brasil colonial, ou aos personagens dos filmes hollywoodianos de ação na selva, como Rambo, Braddock, Indiana Jones, ou sabe-se lá quem mais.

Corrêa (2003) no livro “Antropólogas & Antropologia” reconhece e reescreve sobre a presença de mulheres pesquisadoras em trabalhos de campo. Ao recuperar as histórias das mulheres, aponta as dificuldades de “ser mulher em campo” e o apagamento histórico de suas contribuições teóricas e científicas. Desta forma, valorizar as competências das mulheres enquanto pesquisadoras/trabalhadoras de campo é, ainda hoje, urgente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se a partir das vivências no curso que o trabalho de expedicionário é ainda marcadamente masculino, exigindo esforços conjuntos para o aumento da participação de mulheres no setor.

Por serem historicamente formadas quase exclusivamente por homens com experiências sociais, as equipes de expedição perdem um potencial metodológico significativo, algo que poderia ser transformado a partir de uma maior pluralidade na formação das equipes.

Ainda que invisibilizadas, é importante falar que existem mulheres atuando na proteção e identificação de povos indígenas isolados.

Nota-se descrença e desconhecimento de figuras femininas por parte do meio indigenista ou mesmo nos registros históricos e documentais, mesmo tendo inúmeras mulheres desempenhando trabalhos importantes nesse campo. (SANTANA. 2017)

Neste sentido, o curso apresentou-se como uma importante iniciativa de inclusão das mulheres no campo de trabalho com povos indígenas isolados. No entanto, para uma transformação realmente efetiva, são necessários esforços conjuntos entre instituições públicas, movimentos indígenas e população em geral.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal do Amazonas (IFAM), especialmente à Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) pelo incentivo e bolsas destinadas ao projeto.

Nosso muito obrigado/a a todas as indígenas cursistas participantes do projeto. Obrigado/a também aos que de alguma forma colaboraram para a execução do projeto, especialmente, Edilson Rosário

Paumari (Makakoa), Brenda Capelari, Isac Albuquerque, Mabel Fernandes e Quézia Martins.

REFERÊNCIAS

CANGUSSU, Daniel Rocha. **Manual Indigenista Mateiro**: Princípios de botânica e arqueologia aplicados ao monitoramento e proteção dos territórios dos povos indígenas isolados na Amazônia. 2021. 136 f. Dissertação (Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia) - INPA, Manaus, 2021.

CORRÊA, Mariza. **Antropólogas & antropologia**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

NEVES, Magda de Almeida. Trabalho e gênero: permanências e desafios. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 9, n. 12, p. 257-266, 2006.

SANTANA, C. **A invisibilidade das mulheres indigenistas**. Fonte: <https://povosisolados.org/2017/07/08/a-invisibilidade-das-mulheres-indigenistas-entrevista-com-ananda-conde/>, 2017